

ASSOMBRAMENTO¹

Benevenuto Cardoso



[37]² Certo não havia, em Dores do Piraí, outra cabocla como a Izabel. Toda ela era um encanto. Não era como as damas vaidosas da cidade; tudo nela era natural. Os seus olhos negros eram como dois lanternins brilhando na negridão da noite. O seu sorriso tinha encantos sobrenaturais.

Quando andava ou quando sapateava num samba, os seus seios fartos tremiam como eletrizados, e os seus quadris tinham ondulações de serpentes.

Com tais encantos, era natural que tivesse muitos admiradores. Mas só de um ela gostava. Era o Manoel das Neves, caboclo bom na viola, veio da fazenda, vencedor de todos os desafios que se faziam nas ocasiões de samba. Era um caboclo alto, espadaúdo, limpo e valente como poucos.

Ele também era louco por ela e dizia-lhe que era capaz de matar um homem por sua causa. Mas, Izabel, apesar de gostar do caboclo, era volúvel às vezes, para vê-lo enciumado.

Um dia apareceu na fazenda um moço elegante, bem-vestido, falando bem, e bonito. Era sobrinho do fazendeiro, viera do Rio passar ali as suas férias de

¹ CARDOSO, Benevenuto. Assombramento. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XV, n. 18, p.37, 30 de abr. de 1921.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

acadêmico de medicina. A cabocla fascinou-o logo com os seus olhares, languidos e ternos, com o seu sorriso doce e com a volúpia de seu corpo. Ela também notou inúmeros atrativos naquele rapaz, e esquecendo completamente o Manoel das Neves, passou a dedicar-se inteiramente ao outro. O caboclo quando soube de tal coisa, ficou enraivecido, teve com ela uma forte discussão, depois de se lhe ter ajoelhado aos pés, chorando, suplicando.

Em vão ele fez tudo isso; como resposta teve apenas uma gargalhada sarcástica e estas palavras: “Ora, o outro tem dinheiro, é rico, é quase doutor; tu não tens nada, nem sequer sabes ler.” Foi como se ele recebesse uma punhalada no coração. Com os punhos cerrados, tremendo de cólera, rangendo os dentes, chorando de raiva, invectivou-a, insultou-a, chamou-a desavergonhada e disse-lhe que também com outro não se casaria, porque havia de se vingar.



Uma tarde, ao crepúsculo, o futuro médico recebeu um chamado urgente para ver uma pobre mulher enferma, fora da fazenda. Ele para lá se dirigiu a cavalo. Manoel das Neves viu-o sair e foi para a estrada esperar a sua volta.

Agachado numa moita de capim, ele ali ficou à espreita, com a sua espingarda pronta. Pacientemente ali esperou a volta do rival. O tempo passava e ele não sabia as horas. Finalmente, apareceu na estrada um cavaleiro que logo reconheceu o seu rival. No silêncio da noite soaram dois tiros seguidos e o cavaleiro rolou do animal e caiu ao chão já sem vida. Não satisfeito com isso, o caboclo sacou do seu punhal e furou-lhe os olhos, rasgou-lhe a boca, cortou-lhe as orelhas, esfaqueou-lhe o peito e depois de

ter as mãos bem tintas de sangue, levantou-se com um riso de triunfo e decidiu-se a fugir da fazenda.



Tal como um judeu errante, sem rumo certo, sem destino, ele caminhou estrada fora, todo o resto da noite. Mas ia inquieto, nervoso; não que tivesse medo das autoridades, porque sabia perfeitamente que já estava perdido, mas parecia-lhe que a alma do outro ia em sua perseguição. E com esse pensamento, ele continuou caminhando, mas sempre olhando para trás, assustando-se com a própria sombra, sentindo tremores por todo o corpo. Era o remorso que o perseguia.

E continuou caminhando, caminhando...

Nada se distinguia na escuridão da noite. Naquela hora adiantada, ele era o único transeunte caminhando na estrada, buscando não sabia o que, talvez outro lugar onde não o conhecessem, para continuar vivendo com a sua grande dor. O cemitério do lugar cortava a estrada e era caminho obrigatório; todos tinham que passar por ali.

Ao atravessar aquele lugar, ele começou a sentir medo e a arrepender-se do bárbaro crime que horas antes havia cometido. Em vez de cruzes, via esqueletos com os braços abertos e gargalhando sinistramente. Começou a tremer, a suar frio, os cabelos arrepiaram-se logo. Fogos-fátuos desfaziam-se no espaço, uma coruja piou, depois gargalhou... Ele viu-lhe os olhos fosforescentes... soltou um grito lancinante e caiu ao chão.

No dia seguinte verificaram que estava morto.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

